

O MELHOR DE TODOS OS DISTINTIVOS

GERRY NISKERN

Quando me tornei escoteira, minha mãe me contou esta história acontecida com a sua tropa de escoteiras há muito tempo, durante a Segunda Guerra Mundial.

Na manhã de um sábado gelado de dezembro, as meninas de onze anos da nossa tropa de escoteiras se reuniram, agitadas, no ponto de ônibus, onde já estava nossa chefe, a Sra. Taylor. Carregávamos grandes bolsas de papel com frigideiras, tigelas e artigos diversos de mercearia. Nesse dia, há muito esperado, nós, as garotas da Tropa 11, iríamos receber nossos distintivos de cozinheiras.

- Nada é tão saboroso quanto a primeira refeição que você mesma faz, especialmente quando se cozinha a lenha, num acampamento dizia, sorrindo, a Sra. Taylor.

Teríamos de fazer três baldeações até nosso destino, no deserto. No primeiro ônibus, estávamos todas agarradas aos nossos produtos como se fossem bolsas de joias. Diversas mães tinham contribuído generosamente com preciosos cupons de racionamento para que pudéssemos comprar o material para um verdadeiro café da manhã: panquecas com manteiga de verdade, bacon e até um pouco de açúcar mascavo para urna calda caseira! Nós, as escoteiras, receberíamos nossos distintivos apesar da adversidade, apesar da guerra. Nas nossas cabeças, não estávamos apenas aprendendo a cozinhar no deserto, estávamos fazendo nossa parte para manter a vida seguindo seu curso no front doméstico.

Finalmente chegamos ao Parque Papango, um lindo refúgio no deserto, cheio de árvores de tronco verde, arbustos cinzentos e maciças formações de rocha vermelha. Quando começamos a caminhar pela estrada de barro que conduzia ao parque, um caminhão do exército americano, cheio de prisioneiros de guerra alemães, passou por nós, indo também na direção do parque.

- Lá vão aqueles alemães! - disse urna das garotas, com desprezo. - Eu os odeio!

- Por que eles tiveram de iniciar a guerra? - urna outra reclamou. - Meu pai está fora há tanto tempo.

Nós todas tínhamos pais, irmãos ou tios lutando na Europa.

Com determinação, chegamos até o local do nosso acampamento e logo o bacon estava crepitando nas frigideiras, enquanto as panquecas ficavam com as beiradas douradas.

A refeição foi um sucesso. A previsão da Sra. Taylor sobre nosso prazer gastronômico estava correta.

Depois de comermos, urna das meninas começou a cantar urna canção de escoteiros enquanto limpávamos o espaço que tínhamos usado. Urna a urna, todas nós nos juntamos a ela. Nossa chefe iniciou urna outra canção e continuamos a cantar com entusiasmo.

Foi quando, inesperadamente, ouvimos vozes masculinas. Urna linda melodia cantada em tons profundos e fortes encheu o ar de dezembro e chegou até nós.

Erguemos o olhar para ver a caverna natural em forma de concha formada pelas grandes pedras vermelhas, chamada Buraco na Rocha, onde estavam agora os prisioneiros alemães e seus vigias.

Quando os soldados estrangeiros terminaram a canção, nós começamos outra. Responderam com outra persistente melodia. Não compreendíamos urna só palavra do que diziam, mas, para nosso prazer, nós continuamos a trocar canções na clara manhã do deserto.

Finalmente uma das garotas começou a cantar Noite Feliz e nós todas juntamos nossas vozes ao cântico de Natal. Seguiram-se alguns momentos de silêncio e então... a melodia, tão familiar, voltou para nós:

"Stille Nacht, Heilige Nacht..." - Como eles podem saber nossos cânticos de Natal? - uma das meninas perguntou à chefe. Eles são inimigos do nosso país!

Continuamos a ouvir com admiração. Por um momento peculiar e inesquecível, os homens na caverna se tornaram pais e irmãos de alguém e eles nos viram como suas amadas filhas e irmãs.

Nos anos que se seguiram provavelmente outras pessoas olharam nossos novos distintivos como prova de que poderíamos cozinhar a lenha, num acampamento. Mas, para nós, eles eram lembranças da necessidade de paz, de uma estranha transformação que aconteceu numa época de Natal.